OS "ARTISTAS DA SEDUÇÃO": ENTRE MÉTODOS E TÉCNICAS. UMA MASCULINIDADE

César Bueno Franco⁸⁰

Resumo: Este artigo traz parte dos resultados de uma pesquisa em andamento, onde se investiga a construção da identidade masculina de homens heterossexuais participantes de um site, um fórum virtual. Autointitulado comunidade, o fórum seria um espaço onde esses homens aprenderiam métodos e técnicas para a sedução de mulheres, e se tornariam assim “artistas da sedução”. Através de uma metodologia de pesquisa qualitativa, foi realizada uma etnografia virtual analisando os ditos métodos e técnicas de sedução, bem como a recepção desses pelos participantes do fórum. A isso se articulou a fundamentação teórica do trabalho, que parte das categorias de gênero e masculinidade enquanto construções sociais, e do viés pós-moderno e pós-estruturalista sobre as identidades(de gênero). Os resultados revelaram haver um padrão de comportamento generificado que é reproduzido naqueles métodos e técnicas, e dotando assim o “artista da sedução” de uma masculinidade particular invocativa de marcas como distinção, naturalidade e liderança. Deste modo, se alcança a reflexão sobre a representação de uma certa identidade masculina nos dias presentes, e se evidencia a importância de dirigir o olhar sociológico para questões de gênero expressas em mídias digitais e espaços virtuais.

Palavras-Chave: masculinidade, identidade, comunidade virtual

INTRODUÇÃO

Entre tudo o que podemos encontrar na internet, há a *comunidade virtual da sedução*: uma grande quantidade de homens, de diferentes países, que se reúnem através de sites na internet, e trocam por lá supostos métodos e técnicas de sedução de mulheres(muitos já publicados em livros). Apesar de originária nos Estados Unidos(de acordo com a história que a própria comunidade conta, o primeiro site é de 1994), difundiu-se e chegou também na internet brasileira⁸¹. Foi entre os anos de 2007 e 2008, e se deu graças à publicação por aqui dos dois livros mais populares(e popularizantes) daquela comunidade: *O Jogo: a bíblia da sedução*, e *O Método Mystery: como levar mulheres bonitas para a cama*, que nos Estados Unidos foram

80 Mestrando e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: csarbf@gmail.com

81 É importante frisar então que não é qualquer site que fale sobre sedução ou que ensine homens, de algum jeito, a seduzir mulheres que faz parte dessa comunidade virtual da sedução. Aqui, trato especificamente de um conjunto de sites que teve uma história comum e sobretudo referências comuns - principalmente em dois livros publicados, citados a seguir.

publicados, respectivamente, em 2005 e em 2007⁸².

E por aqui, era 2009 quando foi criado então o site PUABase.com, que funciona na modalidade de um fórum de discussão. Apesar de não ser o único site do tipo na internet brasileira - que naquela época, e ainda hoje, conta com outros fóruns virtuais e muitos *blogs* sobre sedução -, é um dos mais antigos e certamente o maior deles ainda em atividade no Brasil. O nome do site é uma referência ao *pickup artist*, que na versão traduzida daqueles livros, mas também no gosto dos *pickup artists* brasileiros, ficou sendo *artista da sedução*. Seguindo a sugestão do título, o site seria, então, a *base dos artistas da sedução*, e como em outros, abundam nele métodos e técnicas de sedução de mulheres.

Tendo este fenômeno como foco, atualmente desenvolvo uma pesquisa que o articula em relação às categorias de identidade, masculinidade e mídias digitais, do que problematizo particularmente o trânsito das identidades masculinas naquele fórum virtual - o PUABase.com. Neste artigo, porém, foi dado um primeiro passo rumo à inserção na comunidade virtual da sedução em sua ramificação brasileira, um primeiro olhar sociológico sobre aquela articulação mais complexa, e optou-se por analisar os supostos métodos e técnicas de sedução que são veiculados pelos e para os participantes daquele site. A pergunta a que se quis responder foi: qual o padrão de comportamento masculino está sendo reproduzido com aqueles métodos e técnicas de sedução de mulheres?

A SOCIOLOGIA POR DETRÁS DOS "ARTISTAS DA SEDUÇÃO"

Já faz tempo que Falconnet e Lefaucheur(1977) diagnosticaram uma ideologia masculina que conduz os pequenos meninos ao papel de macho, o que hoje parece persistir. Nesta ideologia, que se nota particularmente na publicidade, está dada a condição da mulher enquanto um objeto a ser dominado, o que exige certa mobilização do homem. Não é como um produto que se adquire através da compra. O homem precisa ser homem para obter essas mulheres - e não se trata de uma tautologia. É o que a expressão de *sedutor* que os autores usam denuncia; ser sedutor é um dos aspectos característicos da condição masculina debaixo daquela ideologia masculina, ser homem é ser sedutor. Assim, se o homem vive em uma ideologia

82 No original, *The Game: penetrating the secret society of pickup artists*, e *The Mystery Method: how to get beautiful women into bed*.

masculina que diz que ele precisa seduzir mulheres, e isto não se dá instantaneamente, está feita a abertura para a comunidade virtual da sedução e o PUABase.com como sua ramificação brasileira. É o que sugere o vídeo *Eu mudei minha vida com o PICKUP*⁸³, que serve como recepção aos novos membros do PUABase.com e do qual transcrevo parte de seu texto.

Bem-vindo ao Pua Base. Mude sua vida radicalmente. Imagine como seria se você conseguisse qualquer garota facilmente. Como você acha que seria se conseguisse falar naturalmente com as garotas? Macho alpha. Aprenda a se tornar um macho alpha com o Puabase. Qualquer um consegue não importa sua raça ou daonde você veio. Mas você vai ter que ler muito no fórum e praticar. Os melhores leram muito e praticaram mais ainda. Você está preparado? Para pegar geral? Pua Base. Aprenda tudo que seu pai não ensinou.

Sugere-se, pois, um modelo de masculinidade na tentativa de suprir um problema velado: a dificuldade em *conseguir qualquer garota facilmente*. E indo além, de um jeito particularmente inventivo temos aí uma sociologia espontânea acerca do gênero(masculino) como construção social; afinal, é possível *aprender* a ser esse homem que consegue as garotas facilmente. Simone de Beauvoir(1970) foi icônica ao problematizar as diferenças entre homens e mulheres através do social e cultural, particularmente preocupada com a condição destas. E como diz Saffioti, "aí reside a manifestação primeira do conceito de gênero. [...] é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia, e sim construído pela sociedade."(SAFFIOTI, 1999, p. 160). Do que fica fácil estender o raciocínio aos homens e pensar que, afinal, não é a anatomia que confere a masculinidade, e sim também um aprendizado - que no PUABase, homens beuavoirianos de um jeito muito peculiar, é uma construção/aprendizado social e intencional como bem sugere o vídeo citado.

Encarar os gêneros(aqui, a masculinidade) como construção social permite tensionar tal construção por contextos e tempos. Isso nos obriga a falar de masculinidade como variante. É o que Oliveira(2004) faz ao mapear a masculinidade medieval, depois moderna, e então contemporânea. Já em termos micros, focados na experiência cotidiana, a perspectiva em questão colabora para tensionar a subjetividade. Pesquisas com um viés psicológico demonstram como os homens no divã padecem de dúvidas acerca de como viver as suas masculinidades hoje(SILVA; MACEDO, 2012; BENTO, 1999). E esse *hoje* é na verdade, um tanto antigo; já na

83 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7b1Kjr4csg>

década de 1970 Falconnet e Lefaucheur(1977) diagnosticaram uma certa crise em nossa sociedade e vida cotidiana, em algo ligada à emancipação feminina e suas consequências, que provocaria nos homens um quadro de medos e incertezas diante da nova configuração social. Então cabe a pergunta: será que os homens hoje vivem algum tipo de crise existencial? (OLIVEIRA, 2004).

Não é difícil enquadrar os *artistas da sedução* dentro dessa interpretação. Um grupo de homens oferecendo ensinar tudo aquilo que *seu pai não ensinou* sugere uma reação de descontentamento, talvez sensação de inadequação. No entanto, se isto configura uma crise, ou apenas mudanças nos tempos e nas relações de gênero, é uma discussão válida mas que foge do propósito deste artigo. O que cabe é notar como este fenômeno também se encaixa em uma perspectiva da pós-modernidade e suas identidades descentradas. Quando um homem identifica ter um problema com as mulheres e decide fazer algo a respeito, e isto se converte a entrar em um site para aprender supostos métodos e técnicas de sedução - que promete ser uma mudança radical de vida -, poderíamos ver aí o alerta que Domingues(2005) faz para a sociologia contemporânea. É preciso tratar do processo de individualização dos sujeitos, agora mais plásticos e diretivos em suas vidas, e que se aproveitam da flexibilidade dada na vida social. De acordo com o autor, é a noção de reflexividade que aparece, a vida que agora é aberta à ação dos sujeitos - mesmo contra aspectos petrificantes. Disto sugiro o *artista da sedução* encarnando uma época de intensa reflexão sobre si e intervenções conscientes em si.

Para Giddens(1993, 2002) o que existe hoje é um *projeto reflexivo do eu*, e isto caracteriza bem a busca do sujeito por uma auto-identidade através de um processo intencional e refletido, o que subentende a possibilidade de fazer escolhas. Bauman(1998, 2005) localiza atualmente identidades marcadas pela capacidade de serem reescritas conforme preciso for - geralmente pela dupla consumo e prazer -, o que faz com que os indivíduos tenham a responsabilidade de capturar essas identidades e lidar com elas com seus próprios recursos e ferramentas. Já Hall(2005) associa a identidade contemporânea em termos de globalização, isto é, pelas distorções no tempo e espaço (provocadas pelas viagens internacionais, mídia, comunicação global) e com elementos de consumismo - um supermercado cultural -, resultando em diferentes identidades que vem fazer apelos a diferentes partes de nós, do que sentimos poder escolher entre elas.

Assim sendo, a identidade é posta como uma questão a ser resolvida por

indivíduos agora soberbamente investidos da capacidade de refletir e agir sobre ela. É o descentramento voluntarista que o viés pós-moderno propicia. Todavia, falta um descentramento particular, uma desconstrução específica, que é onde o viés pós-estruturalista também vem informar sobre o *artista da sedução*.

Neste sentido é que Butler(2008) é pertinente para contestar a aparente integralidade do gênero e da identidade à qual dá sustentação. Isto é, a construção social do gênero é dada em performatividades, coerências e práticas reguladoras, o que faz com que uma identidade inteligível seja na verdade a repetição de regras. "De fato, quanto se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade."(BUTLER, 2008, p. 209). Se há repetição, se há discursos, e se há regras, o que existe é uma identidade enquanto prática significativa - e assim o que *não* existe é um gênero, e sua identidade consequente, que seja totalizante, singular, fixo, colado em algum lugar ou dele emanando.

Mesmo anteriores à discussão butleriana, Falconnet e Lefaucheur(1977) endossam a identidade enquanto prática significativa quando analisam a forma como a publicidade vende a virilidade e efetua exitosas associações de adjetivos então masculinos e outros então femininos. "A um homem não se diz: continue viril, impõe-se: seja homem! Faça-se. E o prove. A feminilidade é um estado natural a conservar. A virilidade, pelo contrário, jamais se adquire, jamais se assegura. É necessário manifestá-la sem cessar."(FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1977, p. 34). Se nunca se obtém, então sua procura(e venda publicitária) também nunca para. Nunca se é masculino de um modo apaziguador, é sempre preciso correr atrás de uma identidade masculina, elaborá-la continuamente de acordo com as regras do jogo(que são heterossexuais), ou seja, unidades identitárias nunca podem ser atingidas (BUTLER, 2008).

Os homens do site PUABase.com vivificam esse processo. Estão buscando os métodos e técnicas de sedução como modo de se tornar *artistas da sedução*, uma identidade masculina que lhes parece possível. E se buscam é porque não a tem. Parecem concluir espontaneamente que a solução é uma performance repetida - ter métodos, ter técnicas - que os guiará à prometida *mudança radical*, ou seja, ser um *artista da sedução*. Mas qual é o conteúdo dessa performance? O que a sustenta? Trata-se, ao que parece, de um padrão de comportamento generificado, objetivo deste artigo.

METODOLOGIA

Para alcançar tal objetivo, este artigo está afinado com a metodologia qualitativa, uma vontade de compreensão profunda, busca por descrições e entendimentos em vez de generalizações numéricas (GOLDENBERG, 2001). Deste modo optou-se por uma etnografia dentro do site PUABase.com⁸⁴, abordagem que tomo "para compreender aspectos da cultura dos participantes, suas visões de mundo e práticas sociais e culturais (aspectos internos de um determinado grupo) e demanda observações prolongadas." (MAINARDES, 2009, p. 102). Estou consciente de que em um site com tantos números - mais de 850.000 mensagens, mais de 81.000 tópicos, e quase 90.000 membros registrados - um outro formato de trabalho caberia. Contudo, como reforça Briceño-Leon (2003), qualitativo remete a estudos preocupados com o esclarecimento - não a generalização - de um problema ou comunidade humana, escolha que me pareceu mais apropriada frente ao objetivo proposto. Sobre etnografias virtuais (como as feitas em sites), vale ressaltar que desde o surgimento da internet e sua incorporação como objeto de estudo são feitas tentativas de transpor as técnicas etnográficas para o *online*, do que abundam vários rótulos mas também muita indiferenciação para além desses rótulos (AMARAL, 2010). Tomo o caminho mais simples e intuitivo quando entendo por tal transposição o interesse "em revelar questões e práticas subjetivas e simbólicas que não é possível revelar a partir de métodos quantitativos [...] é a questão de investigação - interpretativa, subjetiva, simbólica - colocada no meio tecnológico." (MITSUISHI, 2007, p. 257).

Neste trabalho toda a coleta de material etnográfico aconteceu na seção⁸⁵ *Área dos Novatos*. É uma seção que se explica pelo seu título: é para novatos. São ao todo 39 tópicos fixos⁸⁶, escolhidos pelos administradores do site, sendo então uma

84 Friso que é um site público, de registro aberto, localizável facilmente através de mecanismos de buscas - inclusive seu conteúdo interno. E ainda, nos *Termos de Uso e Serviços* do site se especifica que todo usuário ali dentro cede o direito sobre o que escreveu ao site, e este autoriza a menção em outros meios de tudo escrito ali dentro, respeitando as fontes. Essas duas particularidades, bem como permissão conseguida com os administradores do site, dilui ao menos em parte a preocupação ética desta pesquisa.

85 Os fóruns de discussão, como o PUABase, tem uma organização interna composta de seções temáticas. Neste caso, são seções como *Artigos e Debates*, *Dúvidas e Pedidos*, ou então *Vídeos*; são ao todo 15 seções, sendo que algumas seções contam com sub-seções.

86 Tópicos são criados pelos usuários do site e dispostos dentro das seções temáticas e de acordo com o conteúdo que apresentam. Tem como corpo o texto que seu autor escreve, ao que se sucedem as respostas dos leitores do tópico. Os tópicos vão sendo arquivados de acordo com a

seção que permanece fechada em si. A manobra de delimitar a coleta nela se deu pela própria sugestão do campo: "O que é PU[pickup]? Aprenda o básico aqui!", diz a descrição. Ou seja, ali está o básico, aquilo que se espera que todo membro do fórum saiba, tenha conhecimento, um substrato comum de todos os *artistas da sedução*. Ainda, sugestivamente, neste *básico* estão contidas os principais e mais populares métodos e técnicas de sedução difundidas na comunidade virtual da sedução - e o que quer que nelas esteja sendo reproduzido.

Todavia, optou-se em não fazer referência aos autores daqueles 39 tópicos. A forma como a *Área dos Novatos* é posta - fixada e assim invariável - sugere que ali está a voz de um coletivo na recepção de seus membros novatos; não é um espaço para que um membro em particular fale para outros, e sim um espaço para a reprodução dos saberes *básicos* daquela comunidade. E por outro lado, a única certeza de autoria nos tópicos é quanto a vir de um conhecimento já popularizado por toda a comunidade virtual da sedução. Ali os textos são geralmente cópias, traduções ou adaptações de textos veiculados algures, como em sites em língua inglesa ou livros publicados. Raramente com citação das fontes. E mesmo quando o texto é (ou parece ser) autoral, realmente escrito por aquele que posta e somente ali para o PUABase.com, são ecos daquele saber disposto na comunidade da sedução. Assim sendo, aqueles 39 tópicos são a concretização local de um saber que não é individual - processo que dispensa a subjetividade e experiência de quem escreve, isto é, retira a importância da autoria, e que me autoriza a pensar que o simples fato do texto estar ali, na *Área dos Novatos*, é sinal de que é um texto que foi recebido pelo PUABase como válido, e também dispensa problematizar a fundo a reação dos usuários acerca de tais textos, geralmente uma reação receptiva.

Sob estas orientações e feitas tais escolhas, foram obtidos os seguintes resultados.

O QUE O NOVATO PRECISA SABER

Percebeu-se haver como que pré-requisitos para a compreensão dos supostos métodos e técnicas de sedução. Isto tanto para o novato (o que ele tem que saber para participar do PUABase) quanto para o sociólogo (que analisa o PUABase

antiguidade, assim dificultando seu acesso; já um tópico fixo nunca é arquivado, do que o faz estar sempre visivelmente disposto ao leitor, facilitando seu acesso.

e busca um entendimento sobre o que está acontecendo neste site). Esclareço, porém, que na análise que se segue, não me preocupo em citar nominalmente tópico por tópico. Como explicado, os tomo como um conjunto coeso com vistas à recepção do novato, e nesta condição - voltado aos novatos - está sua unidade. Ou seja, os diluo em um só discurso.

Assim é que o novato pode encontrar na *Área dos Novatos* a definição do que seria um *artista da sedução*, ou *pickup artist*. Tais expressões serviriam para "descrever um homem que é ou se esforça para ter as habilidades de conhecer, atrair e seduzir as mulheres."⁸⁷. Ou seja, o *artista da sedução* surge debaixo da exigência de um *esforço* - que podemos imaginar disciplina e dedicação - para adquirir *habilidades* - que como veremos, mobiliza toda uma interpretação sobre a interação/sedução. Sugere-se também que isso não é fácil; "pickup não é só seduzir", é mais, tem a ver com "construir uma vida" e por isso "deve ser uma mudança constante e não algo momentâneo", ou seja, "pick up é uma arte difícil, é para os fortes, para aqueles que aguentaram para o resto de suas vidas[...]". A palavra *difícil* remete a Welzer-Lang(2001), para quem a dominação masculina é mesmo difícil para o homem pois lhe exige uma aceitação do sofrimento inerente ao aprendizado de homem dominador. Aqui, ser um bom sedutor também entraria nessa lógica de aceitação do sofrimento inerente. Por outro lado, o *construir uma vida* em uma *mudança constante* faz eco na noção de identidades em livre curso(BAUMAN, 2005) e ainda ao contexto social e institucional que faz do indivíduo o determinante em termos de experiências sobre a (re)construção da própria vida, do que a identidade é um campo de atuação intencional e refletida, um caminho entre o passado coerente e o futuro planejado(GIDDENS, 2002).

Na *Área dos Novatos* o recém-chegado também deve tomar certo espírito coletivo. Afirma-se, por exemplo, que "em grupo certamente evoluímos mais rápido(esse fórum é um exemplo disso)". Do que uma comparação seria possível e ilustrativa. "Antigamente os grandes pensadores se encontravam em ágoras, praças, em cafés, na casa de algum intelectual. Hoje fazemos isso através do fórum[...]". Surge disso um aspecto importante do PUABase, que é sua marca enquanto espaço

87 A transcrição foi feita uniformizando o texto para o formato de padrão acadêmico por entender que pouco se perderia nesta transcrição - cores, símbolos e palavras de caixa alta no meio de uma frase foram uniformizados. Mas os pequenos erros, como os de concordância, foram mantidos, preservando certa originalidade da escrita.

masculino - tal como os exemplos daquela comparação. Para Falconnet e Lafaucheur(1977), a participação de um homem em um coletivo masculino é parte constitutiva de sua virilidade já que significa o afastamento do feminino e a integração ao masculino. Do que para o novato na comunidade da sedução significaria tomar o site como um lugar que é de aprendizado, que é masculino, e que é viril(e virilizante). Tal aprendizado, contudo, é potencialmente desanimador dada a sua extensão e barreira. Naqueles 39 tópicos o novato encontrará 33 livros de leitura sugerida. E isso somente livros, o que chamam de a parte teórica - não contabiliza, pois, a prática, vista ainda como mais importante. E por outro lado, os livros indicados são, em sua grande maioria, em língua inglesa, demonstrando que o mercado editorial brasileiro ainda não é fértil aos livros da comunidade da sedução, inclusive por muitos serem *e-books* amadores, e que se espera do *artista da sedução* que venha de um estrato social em que a formação escolar tenha incluído boas e efetivas aulas de inglês - o que podemos adivinhar um recorte e tanto na realidade educacional brasileira.

O novato também precisará estar familiarizado com a linguagem da comunidade da sedução - linguagem que denota não só toda uma particularidade simbólica da comunidade, como também sua extensão internacional. É preciso aprender o que está sendo dito por siglas, e como dizer o que se pretende através do termo mais apropriado. Deste modo oferece-se um glossário(longo), tanto com a versão traduzida dos termos e siglas mais comuns quanto com a versão original(em inglês). Assim, uma abreviação comum, mantida em sua originalidade, é *HB*, sigla para *hot babe*, que remete às mulheres atraentes, que seriam então, em língua nacional, os *alvos*. Por outro lado, uma sigla que tem uso comum em português é o *IDI*, isto é, *indicadores de interesse*, que remete aos sinais que uma mulher oferece aos homens quando está receptiva à sedução.

Deste modo, dentre aqueles 39 tópicos se encontram as orientações basilares para que o novato participe do fórum. Este homem já entende(se supõe) que ser um *artista da sedução* não é fácil, mas que naquele espaço masculino e coletivo a mudança constante de si pode ser facilitada - porém estar nele implica saber o que sabe o coletivo, e disso vem a abundante bibliografia e o vocábulo novo que devem, minimamente, ser aprendidos. Com estas orientações o novato pode começar sua trilha em direção ao *artista da sedução*, o que implica, então, saber os métodos e técnicas de sedução.

O PRESSUPOSTO DOS MÉTODOS E DAS TÉCNICAS

Seria difícil aprender os supostos métodos e técnicas de sedução sem aceitar um pressuposto particular. E igualmente difícil compreendê-los sociologicamente se também não se alcança tal pressuposto. Há uma ideia maior, geral, abrigando métodos e técnicas, sendo condição de existência deles: são tratados como um saber que pode ser analisado, aprendido, treinado e então consolidado. Ou como é dito, a comunidade virtual da sedução transformou "sedução em ciência". São vários os tópicos que destrincham a interação/sedução como se fosse um mecanismo desmontável, e isto pode ser reflexo da relação daqueles homens, e mesmo nossa, com a tecnologia.

Postman(1994) vê tecnologia como inseparável de uma carga ideológica que mesmo não-intencional se imbrica em nossa cultura atual de tal modo que poderíamos divisar um tecnopólio: tecnologia como referência e valor absoluto na medição das coisas. No tecnopólio acredita-se que a realização da humanidade e seus dilemas virá pelo progresso técnico - está em tudo, a tudo explica. O problema, diz o autor, é a transposição da tecnologia para todas as esferas de nossa vida, é o risco de enxergar tudo pela lógica da técnica e da máquina, inclusive pessoas, então comparáveis a máquinas e procedimentos técnicos. Seguindo esta ideia fica sugerido que o *artista da sedução* é tributário dela, caso contrário seria difícil cogitar *métodos e técnicas* de sedução - logo isto que sempre se associa a sentimentos e subjetividades. O efeito da tecnologia em nossa vida diária tem o poder de alterar o julgamento de nossa realidade, fazendo desta uma nova realidade com novas verdades(POSTMAN, 1994). O que tornaria possível a sedução enquanto processo controlado, progressivo e previsível. Ou como sugiro chamar, é a *tecnicização* da sedução.

É este o grande pressuposto contido já na *Área dos Novatos* e que vai sendo expresso naqueles métodos e técnicas de sedução. O chamado método *Mystery* é icônico com seu fluxograma que estipula nove fases na interação/sedução, todas elas inter-relacionadas e dispostas de um modo que chegar a uma supõe ter superado a anterior, e que a fase final será a concretização do ato sexual. Inspirado neste método, o novato pode encontrar também um modelo de "abordagem em 13 passos detalhados" que é, literalmente, um modelo de abordagem de mulheres em 13 passos detalhados - descritos, postos em ordem, que culminam então no beijo. Se lembramos que um dos estímulos que os meninos têm desde pequenos - em atividades e

brincadeiras - é para o domínio através da técnica(FALCONNETH; LEFAUCHEUR, 1977), isto somado a uma cultura de tecnopólio(POSTMAN, 1994) retira a surpresa que o *artista da sedução* e sua crença na sedução tecnicizada poderiam causar.

O pressuposto da tecnicização é tão forte que até métodos contrários o expressam. Enquanto o método *Mystery* é indireto - isto é, seduz indiretamente - o método de David DeAngelo é direto - deixa a mulher consciente das intenções. Deste, a frase mais invocada na comunidade virtual da sedução, e que também o novato é já introduzido, é a de que a "atração não é uma escolha". Na verdade, seria "uma resposta emocional automática a certas insinuações.". Mesmo emocional há "um processo lógico de excitação", o que valida o homem buscar "todas as técnicas" possíveis para melhorar "seu poder de sedução". Se é *automático*, e há um *processo lógico*, é a tecnicização que permanece mesmo que noutro método de sedução. Sob esta constatação, deixa de surpreender a oferta feita aos novatos de um compilado com 50 conversas sedutoras padronizadas e supostamente utilizáveis com qualquer mulher. Não há distinção, só um processo supostamente científico de aplicação de métodos e técnicas de sedução. Entendido então esta presença de uma tecnicização absoluta da interação/sedução, fica mais fácil compreender os métodos e técnicas de sedução que são apresentados para os novatos, e o padrão de comportamento masculino que toma forma neles.

Esclareço, porém, que em vez de focar os vários adjetivos invocados na *Área dos Novatos* no que se refere ao *artista da sedução*, estabeleço três eixos agrupadores que remetem ao teor geral daqueles adjetivos: liderança, naturalidade e distinção. É o que se segue.

O HOMEM EXERCE A LIDERANÇA

A *liderança* é importante para o *artista da sedução*. O próprio pressuposto da tecnicização já sugere isso ao revelar um homem que tem domínio, controle, condução. Se acreditamos que o menino desde tenra idade é posto na direção do papel de chefe, direcionado ao lugar alto na hierarquia social(FALCONNETH; LEFAUCHEUR, 1977), o *artista da sedução* quando busca um lugar/expressão de liderança responde a um valor social masculino que o precede. A técnica do *push and pull* é característica. O princípio dela está em tentar aproximar a mulher de si, e quando esta se aproximar, então afastá-la(não necessariamente em termos físicos).

"Fazer as duas coisas (dentro dos limites) pode ser emocionalmente confuso para uma mulher, e isso cria tensão", se diz. Por isso o nome, *push*(empurrar) e *pull*(puxar), que subentende a mulher como objeto de deslocamento. Para ilustrar, o exemplo oferecido seria de elogiar a mulher por ter mestrado e assim ser interessante(*pull*), mas depois dizer que não gosta de mulheres intelectuais demais e pouco divertidas(*push*). Do que cabe advertir para "ter certeza que você não está indo longe demais". Além da técnica em si - que supõe puxar e empurrar a mulher, mesmo que metaforicamente -, a advertência só confirma quem é que está na liderança da situação: o homem, a quem cabe *ter certeza*, a quem cabe análise e ponderação da interação/sedução e posterior decisão - se foi *longe demais* ou não.

Compondo a importância da liderança, há um método que é exposto ao novato como o método próprio para líderes - e portanto ele, novato, talvez não devesse ainda dedicar-se a esse método. É o método *direto*, e que deixa as intenções claras logo de início para a mulher; "prega ser homem, ser dominante, ter presença e qualidades alpha.". *Alpha*, aqui, no sentido biológico de *macho alpha*, isto é, o macho líder. "Quer dizer que você tem que ser o cara, o que vai e sabe o que quer, sabe o que fazer, como fazer, onde vai fazer e não se importa com a opinião dos outros.". Sintetizando, o "jogador⁸⁸ direto é o líder sempre, tá sempre demonstrando sua masculinidade[...]". A colocação de *líder* na mesma frase do *demonstrando sua masculinidade* revela a dependência entre os dois termos. Falconnet e Lefaucheur(1977) notaram como a norma social deseja que a mulher aguarde o assédio masculino, e caso contrário ela será desmoralizada enquanto a ele cabe a frustração da impotência. Ou seja, ao homem sem liderança, que a vê destituída ou incapaz de a exercer, resta a impotência - põe em cheque sua masculinidade.

A liderança chega então ao nível mais íntimo desse homem. Mais que uma técnica, e além de um método, tem de ser uma atitude profunda. *Inner game* é esta atitude. Em toda a comunidade virtual da sedução há uma preocupação sobre como manter ou fazer crescer o *inner game* do *artista da sedução*. E aqui, considerando os 39 tópicos sob análise, ele é conceituado - e mostrará afinidade com a liderança. Comumente é tomado como confiança, porém não é exatamente a mesma coisa. "Inner game não é confiança. Inner game é um conjunto de coisas juntas, um conjunto de vários botões apertados em sequência que te fazem ter confiança. É seu mundo

88 Na comunidade virtual da sedução é comum o uso de *jogador* para referir-se ao *artista da sedução*, acompanhando a comum expressão de sedução como sendo um jogo.

interno.". É significativa essa expressa menção ao *mundo interno* sob escrutínio pois denota reflexividade, um possível afastamento dos preceitos consolidados da vida social e a abertura para que a atividade social seja sempre revisada à luz de novos conhecimentos ou informações(GIDDENS, 2002). Isto é, *artista da sedução* como um sujeito reflexivo. Suas reflexões, porém, voltam sempre à sedução, e nela o *inner game* significaria ter "uma atitude forte, assertiva e positiva", isso seria um fator de sucesso, e isso é o que os líderes fazem, "irradiam confiança e não são abalados facilmente pelos outros", e por isso "as pessoas amam os líderes, especialmente [as] mulheres [amam]". Aqui, a associação de *líderes* e *mulheres* na mesma frase, e pondo estas como aprovando aqueles, induz a pensar num discurso coerente ao da dominação individual e coletiva que os homens exercem sobre as mulheres, seja ela material, cultural ou simbólica(WELZER-LANG, 2001).

O HOMEM TEM NATURALIDADE

Se espera do *artista da sedução* que ele demonstre *naturalidade*. É uma expectativa perene de que ele nunca dê a entender que o que faz e diz são técnicas planejadas - ou, o que parece pior à comunidade virtual da sedução, que foram decoradas. Na *Área dos Novatos* isto fica flagrante nas *rotinas*. São "pequenas conversas (ou em alguns casos, truques) pré-planejadas" usadas tanto para iniciar a interação como para mantê-la. Uma pequena história divertida ou uma mágica são igualmente *rotinas*. É importante, então, que as *rotinas* sejam adequadas a cada situação, bem treinadas, mas que "tenham a ver com a sua personalidade, o que vai ser mais congruente com você.". Não seguir a recomendação incorre no risco de passar a "vergonhar do set[mulheres] já ter ouvido essa rotina", ou então transparecer que era uma *rotina* já que "as mulheres são detectores de mentira humanos.". A última possibilidade seria ruim pois as mulheres perceberiam que o homem está tentando chamar a atenção intencionalmente, e isto seria uma "demonstração de valor inferior", isto é, um *DVI*. Subentende-se que uma *rotina* deva ser a extensão de si e da *personalidade*, o que reforça que estes homens se prestam a uma leitura pós-moderna enquanto sujeitos em algo voluntários(BAUMAN, 2005) pois podem elaborar cientemente tal extensão, mas também uma leitura pós-estruturalista já que são discursivamente regidos e atrelados a regras de performatividade(BUTLER, 2008) ao tentar manter-se dentro de uma norma de masculinidade, a do *artista da sedução*.

O corpo será outro aspecto a ser considerado em termos da naturalidade. Sociologicamente intuitiva, a comunidade virtual da sedução percebe como o corpo media a experiência social uma vez que está também preso a uma teia de significações (LE BRETON, 2012). Assim naqueles 39 tópicos há a insistência para que o novato vigie sua *linguagem corporal*. Seria preciso controlar essa "sub-comunicação" muda. "Uma melhor postura", se diz, "uma linguagem corporal mais controlada [e] focada vai fazer qualquer um mais atraente". E aqui a palavra congruência volta à carga. "Tem que ser congruente com suas palavras, sua voz e com sua linguagem corporal". De nada adianta o *artista da sedução* falar como se fosse confiante mas sinalizando (com o corpo) sua insegurança - como no evitar o contato visual. Isto é, é preciso manter a naturalidade naquilo que diz, se faz, e no modo como se porta.

A noção de *kino* é reflexo disto. Ela remete ao contato físico com objetivos de sedução - tocar a mulher como parte da sedução e mesmo facilitador pois ajudaria a criar intimidade conforme esse toque aumenta em frequência e intensidade. Mas *kino*, assim como a linguagem corporal, potencialmente comunica a naturalidade do homem. "O toque reflete o fato de você ser despachado, confiante e sexual.". Para tanto esse homem deve estar a vontade e mostrar-se natural quando busca intencionalmente o contato físico com a mulher - como uma *rotina* que exija isso, ou no casual gesto de tocar-lhe enquanto conversam. Somada à leitura do sujeito voluntarista e performático - que luta pela confirmação de uma identidade - com o *kino* surge então essa sociologia do corpo como grade de leitura: corpo como uma superfície onde encontramos o social e cultural, local de projeção de significados e símbolos (LE BRETON, 2012). Trata-se da cooptação do corpo do *artista da sedução* de modo a reinvesti-lo - em sua postura, em seus gestos - de modo a confirmar que trata-se de um homem sedutor em sua naturalidade.

O HOMEM TEM DISTINÇÃO

Na *Área dos Novatos* muito clara será a ideia de que o *artista da sedução* é diferente em relação aos outros homens; e é preciso mostrar *distinção*. A masculinidade apresenta clivagens internas, e assim ser homem é afastar-se superiormente das mulheres mas também almejar posições superiores a outros homens (WELZER-LANG, 2001). Para os homens do PUABase.com isso significa

buscar o destaque quando comparado aos homens que não são da comunidade virtual da sedução.

Assim é que o novato irá se deparar com a *regra dos três segundos*: ao avistar a mulher deve-se abordá-la em três segundos. Isso impele o homem à ação - "análise demais atrapalha" - mas também demarca uma diferença em relação àquele "cara estranho que ficou o tempo todo no canto 'secando' as garotas.". Com isso também se conferiria "espontaneidade" à abordagem, o que agradaria às mulheres. Ou seja, se o homem fica "'escolhendo' as garotas por muito tempo", não haverá espontaneidade. Assim o *artista da sedução* tenta esse contraste com o *cara estranho que ficou no canto*, esse sujeito que fica *escolhendo* demais as garotas - um tipo que, de acordo com a comunidade virtual da sedução, seria bem comum. Outro contraste será perseguido através do método *indireto* de sedução. A premissa é "seduzir a mulher sem mostrar interesse logo de início". Isso seria agir "fora do padrão masculino" e faria "a mulher fica impressionada" já que evita-se o caminho comum de dar "presentes, falando coisas melosas, idolatrando". Assim, evitar mimos à mulher seria evitar o que vitima muitos homens. "Uma atitude desesperada e com muito interesse, é o mesmo que dizer: sou fraco, não consigo ninguém, não me valorizo e te coloco em um pedestal.". Aqui, parece, está o *padrão masculino* ao qual tenta-se ficar por fora, o ser *desesperado*, com *muito interesse*, colocando a mulher *em um pedestal*. Apesar de mais pontual e circunscrita, é o reforço de uma masculinidade vivida com hierarquias e disputas pela dominância geral (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013). Dominância aqui associada à sedução, obtida através da distinção.

Talvez a técnica exemplarmente distintiva seja o *neg*. De acordo com o glossário da comunidade da sedução, é "uma declaração ambígua ou insulto aparentemente acidental" feito à mulher e que sugere falta de interesse. E o novato aprenderá que um *neg* fará também "demonstrar valor superior, tirar a mulher do pedestal e fazer ela sair da posição de prêmio.". Este seria o fator de distinção; um *neg* bem feito, que se supõe criativo e bem-humorado, mostraria que não se é um daqueles homens que "ficam babando nelas o dia inteiro". O *opener* é outra técnica muito exemplar: é uma frase que abre o diálogo com a mulher. Mas não qualquer frase. "Você deve se diferenciar de todos os outros que passaram na vida dela". O *deve* reforça a cobrança pelo *artista da sedução* não ser como *todos os outros*. Do que frases clichês ficam banidas, e se tenta imprimir novamente criatividade e bom

humor - e furtividade. "Ocultar suas intenções é de suma importância aqui. Você deve passar a imagem de um cara que está ali só para se divertir.". Assim, este homem não fica *babando* na mulher, é diferente de *todos os outros*, e mostra estar ali só *para se divertir* - não pela mulher.

Essas duas técnicas são típicas do método *indireto* - apesar do uso generalizado na comunidade virtual da sedução. Mas o método *direto* também irá expressar a vontade de distinção destes homens. O *cocky and funny* é uma técnica pertencente a este método de sedução; sugere um homem arrogante e divertido diante da mulher: com bom humor, a desafiaria e a inferiorizaria. Supostamente isso evita uma conversa "rotineira e tediosa", que vale o alerta: "procure evadir desse tipo de conversa". Assim, esta técnica faria o homem ser visto como desafiador e imprevisível, e portanto distinto dos demais - que, novamente, supõe-se que não iriam *desafiar* nem *inferiorizar* a mulher, e possivelmente conduziriam uma conversa *rotineira e tediosa*. Assim, uma das frases postas ao novato que lê sobre *cocky and funny* é a "Seja memorável". Surpreende esse eco de diagnósticos já antigos; não de hoje masculinidade pode ser vista como impulsionada pelo capitalismo competitivo, do que vem a mensagem do ser "o mais forte, o maior, o mais belo, tenha mais dinheiro, mais mulheres, mais poder sobre os outros."(FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1977, p. 48). Ao que o *artista da sedução* responde querendo ser *memorável*.

Assim, o que acaba dando a tônica para a ânsia de distinção são os antípodas. Em toda a comunidade da sedução são vários; aqui, para os novatos, temos apresentados os primordiais. Neste sentido, é interessante observar, outra vez mais, o lastro histórico deste aspecto. Miskolci(2013) demonstra como que nossa república nasceu dependente e propositiva de uma masculinidade branca e dominadora - domínio sobre mulheres, outros homens, e também de si. Deste modo surgiram masculinidades abjetas, aquelas que deviam ser expurgadas - como a negra, a pobre, e sobretudo a homossexual(pior se todas unidas em uma só). O que tal autor possibilita pensar, e com cores nacionais, é como que um padrão de masculinidade contém sempre uma relação reflexa com seus antípodas, o contraste contra o qual se destaca. Aqui, para o *artista da sedução*, trata-se de evitar ser o homem comum, entendido como o que idolatra mulheres, tem conversas chatas, que as observa postado num canto. É contra este homem que o *artista da sedução* busca sua distinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise etnográfica do site PUABase.com, circunscrita à seção *Área dos Novatos* em seus 39 tópicos, demonstra que os chamados métodos e técnicas de sedução de mulheres propõe um padrão de comportamento masculino baseado em três eixos: liderança, naturalidade e distinção. Tal padrão se assenta, porém, na noção de tecnicização; isto é, a crença na sedução como algo que se disseca, destrincha, se faz em processos, tem causas e efeitos lógicos, e que assim pode ser controlada rumo a um destino previsível - o que viabiliza a própria existência da comunidade virtual da sedução.

A escolha de um referencial teórico simpático ao viés pós-moderno voluntarista sobre as identidades, e também à perspectiva desconstrutiva do pós-estruturalismo butleriano, convergiu para cristalizar uma leitura desses homens como imersos em um contexto e dinâmica de muita reflexão e intervenção de si, mas ainda de performatividades regradas. Isto coroa a noção maior dos estudos de gênero, e aqui partilhada, de que falar em relações de gênero é sempre falar de construções sociais. Aplicado a este caso, significou entender a masculinidade como uma construção social, do que torna-se necessário problematizar suas particularidades contextuais. Esta problematização ficou, no entanto, em segundo plano neste trabalho, enquanto se tentava esboçar qual era a masculinidade construída pela comunidade virtual da sedução, especificamente na acolhida dada aos novatos do site brasileiro PUABase.com.

Mas se foi possível notar aquele apego à liderança, naturalidade e distinção, é preciso ter em vista de que isto é uma proposta de modelo, do que torna-se necessário refletir sobre seu alcance, incorporação e mesmo modo de funcionamento.

[...] a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplo de masculinidade (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos de autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263).

Assim é que podemos pensar toda masculinidade que se propõe típica antes como um feixe de atributos valorativos compartilhados do que uma realidade concreta; uma masculinidade típica "constitui um ideal dominante, e dessa forma sustenta uma hegemonia simbólica que favorece a orientação de condutas e comportamentos

identitários prescritos segundo sua cartilha."(OLIVEIRA, 2004, p. 246). E apesar de estarem aí variáveis que fogem do escopo deste artigo, com ele foi possível notar, ao menos, que o *artista da sedução* gira em torno de um modelo de masculinidade não inteiramente inédito; e quando este supõe a capacidade de escolha e auto-intervenção de seus homens(que podem entrar em um site e aprender a como ser de tal modelo), o faz envolto em uma performatividade regida por novas regras a serem repetidas, mas que não são tão criativas assim e nem mesmo tão novas - vislumbra-se facilmente uma masculinidade tradicional impulsionando o *artista da sedução*. Talvez, a novidade genuína nesse modelo seja sua vinculação a um fenômeno sustentado na internet, do que faz como espaço de conquista, e também performatividade, deste modelo, um fórum virtual - que como sugerido pela comunidade virtual da sedução, é o substituto da ágora, de cafés, praças, esses lugares onde homens se reuniam para trocar informações e fazer suas masculinidades.

Deste modo, este artigo serve como um dos passos iniciais rumo à pesquisa maior em desenvolvimento, e nela questões aqui em aberto serão problematizadas. Assim, como se dá a passagem de um homem que não é *artista da sedução* mas em um momento passa a se ver e ser visto como tal pelos seus pares? Qual é o peso da internet e das mídias digitais neste processo de trânsito? Ou ainda, como inserir essa masculinidade do artista da sedução em uma história contextual das masculinidades brasileiras? Questões todas em aberto, que fogem ao escopo deste artigo, mas que, acredito, estão sugeridas já ali na *Área dos Novatos* e seus 39 tópicos - a pontinha de um iceberg feito com mais de 80.000 tópicos e cerca de 90.000 indivíduos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p 122-135, jun/ago 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13818/15636>> Acesso em: 24 mar. 2014.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pos modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENTO, B. A. M. A (re)construção da identidade masculina. **Rev. De Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 26, p. 33-50, 1999. Disponível em: <

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/23834/21377> > Acesso em: 24 mar. 2014.

BRICEÑO-LEÓN, R. Quatro modelos de integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2014.

DOMINGUES, J. M. **Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FALCONNET, G.; LEFAUCHEUR, N. **A fabricação dos machos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

GARCIA, M. A. Simone de Beauvoir e a política. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 12, p. 79-91, 1999. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51294>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012

MAINARDES, J. Pesquisa Etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, J. A. (Org.). **Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa (PR): Todapalavra, 2009.

MISKOLCI, R. **O desejo da nação: masculinidade e branquidade no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2012.

MITSUISHI, Y. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs). **Antropologia visual e hipermedia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

POSTMAN, N. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

SAFFIOTI, H. I.B.. Primórdios do conceito de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 12, p. 157-163, 1999 . Disponível em <
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51300> >. Acesso em: 24 mar. 2014.

SILVA, F. C. F.; MACEDO, M. M. K. A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 2, p.205-218, Jun 2012. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000200009&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 24 mar. 2014

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 24 mar. 2014.